

A Maré marca, o Museu fica

Ítala Isis

DOI: <https://doi.org/10.22409/gambiarra.0606.127-135>

No dia 18 de outubro de 2014, sábado, realizei a ação “Cidade Marca” na Maré, junto a dois jovens moradores de lá, Anderson Alexandre e Matheus Frazão, por ocasião do Ato pela permanência do Museu da Maré, ameaçado de remoção. Na ação, cada um de nós mergulhou um pano branco em um balde com tinta de piso, vermelho goiaba, uma tinta que seca rapidamente e resiste mais ao tempo. Depois, arrastamos os panos pelas ruas, marcando o trajeto da nossa caminhada, principalmente pela Avenida Brasil, uma das principais avenidas da cidade. Em certos momentos, batíamos os panos no chão. Compartilhamos, entre olhares e comentários, a sensação catártica e extasiante de estar ali. Como se cada batida gritasse ao mundo “daqui não saio, daqui ninguém me tira”.

Quando imaginei essa ação, estava com muita raiva. Nem sei de quê. Aluguel subindo, cidade cada vez mais cara, militarizada, controlada, manifestações políticas reprimidas na base do gás lacrimogênio e da bala de borracha. Um ato a favor da educação pública no Rio acabou com diversos professores feridos pelo cassetete de policiais. Mas a ação não aconteceu por causa de nada disso. Não tem um por quê.

Realizei a ação pela primeira vez na Lapa, no final de agosto de 2014, apenas eu e Jamie Duncan registrando. Passamos pelas ruas Men de Sá, Gomes Freire, pelos Arcos da Lapa, pela rua Joaquim Silva, depois voltamos pela rua Riachuelo. No dia seguinte, caminhei por ali, deixando as marcas me lembrarem de que pisei naquele chão. Algo como escrever e ler minha história no corpo da cidade.

Realizar a ação na Maré ganha outros sentidos, principalmente dentro de um ato pela permanência de um museu, cujo acervo foi doado pelos próprios moradores das dezesseis favelas que compõem o bairro. Um espaço onde a história desses moradores está inscrita.

No dia seguinte, começaram a aparecer nas redes sociais os registros do ato. Pensei então em prolongar a memória do ato nas redes, através de uma campanha de divulgação que intitulei “A Maré marca. O Museu fica.”. São imagens construídas a partir do “roubo” das fotos do evento, postadas nas redes sociais da internet, e do tratamento no *photoshop*, realçando a cor da tinta usada na ação.

A ação passa algo de violência sim, nasceu da raiva. Mas é principalmente uma declaração de amor pela cidade e, sobretudo, pelos praticantes dela. Esses e essas que, assim como eu, inventam o chão onde precisam pisar.



**A MARÉ MARCA
O MUSEU FICA !**



Imagens:

Página 129:
Edição feita com fotos de Valdirene Militão (acima) e
Marcelo Freixo (abaixo).

Página 131:
Edição feita com fotos de Flávio Vidaurre (acima) e Ratão
Diniz (abaixo).

Página 132:
Edição feita com foto de Valdirene Militão.

Página 133:
Edição feita com fotos de Matheus Frazão e Valdirene
Militão.

Página 135:
Edição feita com fotos de Flávio Vidaurre (acima) e
Marcelo Freixo (abaixo).



**A MARÉ MARCA
O MUSEU FICA !**



A MARÉ MARCA O MUSEU FICA !



A person is pouring a thick, bright red liquid from a bucket into the air, creating a misty spray. In the background, a large, diverse crowd of people is gathered on a street, many holding up phones to capture the moment. A sign in the crowd reads "SOS MUSEU DA MARE".

A MARÉ MARCA O MUSEU FICA !

SOS
MUSEU,
DA MARE

Ítala Isis é *performer*, artista visual, poeta e educadora. Seus interesses e pesquisas transitam entre o híbrido, o periférico e a invenção como políticas de (r)existência. É fundadora e integrante do Movimento Cidades (in) Visíveis, atuando em espaços variados, promovendo encontros e ações artísticas de natureza híbrida com destaque para as ações de rua.

A MARÉ MARCA O MUSEU FICA !

